



ESTUDO DE CASO: O MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS (MAB) COMO FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

*CASE STUDY: THE MOVEMENT OF THE DAMAGED BY BARRAGENS (MAB) AS
TRAINING AND CONSTRUCTION OF THE SUBJECT*

Jenerton Arlan Schütz¹

¹ Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil. Contato: jenerton.xitz@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar e interpretar as marcas que o envolvimento intenso e prolongado no Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) podem ser reconhecidas nas disposições que determinam o modo de pensar, sentir e agir de um de seus dirigentes. Assim, as disposições são determinantes não somente das nossas práticas, mas das nossas maneiras de pensar e de falar (que, em última análise, também são práticas) e das nossas formas de sentir e perceber o mundo à nossa volta. O presente estudo tem caráter extremamente experimental, metodologia utilizada por Bernard Lahire em seus estudos de caso. Ademais, o estudo parte de questões teóricas e metodológicas e as desenvolve de forma mais reflexiva possível, a fim de considerar na análise as práticas ou comportamentos sociais e o passado incorporado do ator individual. Assim, mais que sociologicamente compreensível, a individualidade (constituída das variações individuais dos patrimônios de disposições e competências) é neste caso necessária em formações sociais diferenciadas por resultar da variedade e heterogeneidade da experiência social incorporada.

Palavras-chave: Estudo de Caso. Movimentos Sociais. Disposições.

Abstract: The purpose of this article is to analyze and interpret the marks that the intense and prolonged involvement in the Movement of the Affected by Dams (MAB) can be recognized in the dispositions that determine the way of thinking, feeling and acting of one of its leaders. Thus, the dispositions are determinant not only of our practices, but of our ways of thinking and speaking (which, in the final analysis, are also practical) and of our ways of feeling and perceiving the world around us. The present study has an extremely experimental character, a methodology used by Bernard Lahire in his case studies. In addition, the study starts from theoretical and methodological questions and develops them in a more reflexive way possible, in order to consider in the analysis the social practices or behaviors and the embedded past of the individual actor. Thus, more than sociologically comprehensible, individuality (constituted of individual variations of the dispositions of dispositions and competences) is in this case necessary in differentiated social formations because of the variety and heterogeneity of the social experience incorporated.

Keywords: Case study. Social movements. Provisions.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo tem caráter extremamente experimental, metodologia utilizada por Bernard Lahire em seus estudos de caso. Ademais, o estudo parte de questões teóricas e metodológicas e as desenvolve de forma mais reflexiva possível, a fim de considerar na análise as práticas ou comportamentos sociais, além do passado incorporado pelo ator individual¹.

Importa dizer que as situações foram marginalmente modificadas (nome, sobrenome e cidade) para proteger o anonimato e a privacidade do entrevistado, pois, “os estudos de caso, de fato, não se referem a ‘pessoas singulares’, mas a uma parte daquilo que o mundo social refletiu nelas” (LAHIRE, 2004, p. 7).

Ademais, as entrevistas duraram em torno de 4 horas e foram realizadas em 4 etapas, todas na residência de Elviro. Como o trabalho buscava compreender a trajetória de Elviro e a influência do MAB, sua esposa quase não participa das entrevistas, Elviro inclusive convida Moci por algumas vezes para responder algumas perguntas, porém, ela continua a realizar as atividades domésticas.

Além disso, as entrevistas com Elviro foram encaradas por ele com muito entusiasmo, conhecimento e sabedoria. O entrevistado, inclusive, não faz nenhuma pergunta sobre o objeto da pesquisa, porém, preocupa-se em ser o mais claro possível nas respostas.

Em síntese, o objetivo do trabalho é analisar e interpretar como as marcas que o envolvimento intenso e prolongado no Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) podem ser reconhecidas nas disposições que determinam o modo de pensar, sentir e agir de um de seus dirigentes. Parte-se de uma pequena recordação de Elviro sobre o MAB; por conseguinte, realiza-se uma biografia de Elviro; posteriormente investiga-se as influências da escola na formação do sujeito; do mesmo modo, analisa-se a influência do exército como um modo de superação de si; posteriormente, tematiza-se o MAB e sua relação com Elviro e, por último, investiga-se as práticas de saúde e lazer de Elviro, estas já consideradas como incorporações do percurso social.

¹ Não poderíamos deixar de agradecer a pessoa que aceitou ser longamente entrevistada por quatro vezes, sem ela, com certeza esse trabalho não seria realizável. Agradecer ainda, pela sua confiança, suas palavras e seu tempo.



HISTÓRIA DO MAB (MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS)

Os primeiros movimentos da organização dos atingidos por barragens tiveram início no final da década de 1970, durante a ditadura militar, período que anulou forçadamente os direitos civis e políticos. Do mesmo modo que a ditadura restringia os direitos, a indignação contra o regime fez surgir formas de organização e luta. Assim, temos o Movimento Sem Terra (MST), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o próprio Partido dos Trabalhadores (PT).

Durante a década de 1970 e início da década de 1980 há uma enorme e grave crise energética a nível mundial, decorrente da primeira e grande crise do petróleo. Assim, os países centrais foram em busca de novas alternativas de gerar energia e pensando em como substituir a falta de petróleo. Os países que possuíam potencial em outras fontes começaram a ser alvos de estudos e implantações de formas “renováveis” de geração de energia.

No Brasil, a Eletrobrás foi responsável por desenvolver um estudo aprofundado sobre o potencial hidrelétrico, fazendo a análise dos rios e das bacias hidrográficas. Sabe-se que nosso país é rico em água doce, rios com grande volume de água e quedas suficientes para gerar energia elétrica. O resultado do estudo foi um mapeamento detalhado sobre os possíveis locais que se poderiam construir as usinas hidrelétricas.

Com as instalações de empresas eletro intensivas (alumínio, ferro-liga, etc.) cresciam as exigências de infraestrutura, principalmente, energia elétrica. Com isso, o Estado brasileiro foi o grande financiador da construção das hidrelétricas. Assim, em 1982 ocorreu a inauguração da usina binacional Itaipu, construída e operada por Brasil e Paraguai. Ao mesmo tempo em que havia um estudo sobre o potencial e como fazer o aproveitamento da energia, não havia uma proposta de indenização adequada às famílias que viviam na beira dos rios. A consequência disso foi a expulsão de milhares de famílias de suas terras e casas, a maioria sem ter para onde ir. Assim, foram para as favelas das cidades e engrossaram as fileiras de sem-terra.

ELVIRO WITECK



Elviro tem 67 anos. Começou a ir na escola com 8 anos e estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. Conheceu Moci aos 17 anos, em um baile na comunidade em que reside. É casado há 45 anos com Moci, ambos são agricultores. Juntos, tiveram quatro filhos, três mulheres e um homem, atualmente o casal vive com uma de suas filhas. Elviro e Moci são filhos de pais agricultores, foram criados de forma tradicional, seguindo rígidas regras, com ênfase na disciplina e na tradição.

Convencidos pelas propagandas que se faziam sobre as terras de Porto Novo (hoje Itapiranga/SC), os pais de Elviro buscaram melhorar as condições econômicas e o bem-estar familiar, partiram de Monte Negro/RS em busca de uma terra para prosperar. A influência de um tio que já morava em Porto Novo foi fundamental, o mesmo dizia que a terra de Porto Novo, “é uma terra prometida, um paraíso, chuva o ano inteiro, muitos rios, ótima para prosperar”, não obstante, é importante destacar que a mãe de Elviro desejava morar em uma terra de alemães e católicos, justamente o que Porto Novo oferecia e exigia, ser alemão e católico.

Em 1956 a família de Elviro vende sua terra em Monte Negro e parte para Porto Novo, a fim de fixarem moradia e trabalharem na agricultura. Durante os primeiros anos, dedicaram-se na criação de suínos e, assim, conseguiram melhorar as vestimentas, a casa e comprar um Jeep em troca de 5,250mil/kg de suínos.

Nesse movimento, conseguiram comprar um rádio a bateria, o primeiro da localidade em que residiam! Os vizinhos iam até a casa de Elviro para ouvir a programação da Rádio Gaúcha e Rádio Farroupilha, diz Elviro: “Nós nos reuníamos em cinco ou seis famílias, [...] o pai sintonizava e os caras falavam de Porto Alegre e todos ficavam surpresos, como dava para ouvir de tão longe [risos]”.

Elviro sempre sonhou em ser professor, porém seu pai não queria que seus filhos estudassem². Sobre o assunto, Elviro lembra que o Bispo de São Paulo, Dom Cláudio Hummes, afilhado de seu pai, visitava a família de vez em quando, e questionava se algum filho queria ser padre ou professor. Mas, como a doutrina da época não permitia que os filhos ficassem na sala quando chegava visita, Elviro recorda que: “O pai batia a bota no chão e nós já sabíamos [o que fazer], caso contrário ele pegava o relho”. A rigidez e doutrina da época, nunca deixaram

² O motivo será abordado no próximo tópico.



oportunidade para Elviro se expor e conversar com o Bispo sobre seu desejo em ser professor.

Com a autoridade de seu pai sempre exposta – assim como praticamente em todas as famílias que residiam em Porto Novo –, Elviro passa a interiorizar a relação de autoridade, que se atualiza posteriormente em outras áreas. Do mesmo modo, Elviro se interessa por questões políticas e sociais desde a sua juventude, pois participava de comícios na comunidade. Conforme ele: “O pai sempre deixou participar dos comícios, mas ele nunca gostou da política, eu acho que esse foi um grande erro dele”.

No momento em que recebe baixa do exército³ e volta para a sua família, Elviro busca realizar uma vontade, se casar com Moci, a qual namorava desde os 17 anos. Elviro conhecia os pais e os irmãos de Moci, pois sempre os encontrava nos bailes ou nos jogos de futebol durante os finais de semana. Porém, os pais de Moci apenas permitiam que Elviro namorasse com a mesma durante o dia, pois: “[...] de noite nunca podia ir na casa dela, ou namorar com ela”. Após dois anos de namoro, Elviro queria casar com ela. Domingo de manhã ele foi até a casa de Moci pedir ela em casamento, e recorda que: “O pai dela não disse nem sim e nem não, e desse modo, casamos em 1970”.

Assim, após o casamento, Elviro gostaria de comprar uma terra. Porém, como ressalta, “Eu precisava dar de entrada 5 mil/kg de suínos, meu pai deu 3 mil/kg e meu sogro deu mais 1 mil/kg, o restante eu paguei”. Desse modo, fizeram a mudança para a sua nova terra. Moci recebeu de seus pais “coisas da cozinha e uma máquina de costura”, já Elviro, “[...] uma junta de bois, carroça, arado, duas criadeiras e alguns pés de mandioca”. Elviro ainda compra um Jeep, e reitera: “[...] paguei à vista, ganhei um tanque de gasolina e ainda dois pneus novos, [...] isso era uma enorme conquista [risos]”.

³ Será abordado no tópico: *Exército: a superação de si*.



ESCOLA: FUNÇÃO SOCIAL E RELIGIOSA

A colonização de Porto Novo (hoje município de Itapiranga/SC) promovida diretamente pelos jesuítas, visava um projeto de uma comunidade religiosa, sempre acompanhada da instalação de uma escola. Elviro afirma que: “As primeiras escolas serviam de igrejas, porque não se tinha recursos suficientes para construir uma escola e também uma igreja”, assim, segundo Elviro, “As famílias de pequenos proprietários iniciaram uma história comum, em torno da igreja e escola”.

A colônia de Porto Novo assumiu um dimensionamento ousado, só podiam residir na colônia, alemães e católicos. Sendo assim, um dos projetos de colonização mais homogêneos no sul do país. Elviro tem boas lembranças da escola que frequentou até a 4ª série do Ensino Fundamental. Ele recorda principalmente da função essencial que o professor tinha na época. “O professor foi decisivo para impor várias normas e crenças que [perpetuavam] o modelo de vida na sociedade”. Elviro recorda que: “Os professores desempenhavam extensas funções sociais e religiosas”.

Não obstante, as normas sociais e religiosas (valores, responsabilidades, comportamentos...) eram transmitidas pelo clero e deveriam ser incorporados pela população. Desse modo, era papel dos pais transmitir essas normas sociais e religiosas para os seus filhos. Essa padronização de valores é exatamente o que Durkheim (1983) denomina de “consciência coletiva”, ou seja, a formação de um conjunto homogêneo.

Para Elviro, “cada membro da comunidade sabia como deveria agir para não desestabilizar a vida comunitária”. Os valores eram incorporados através da coerção social como educação, catequese, cultos religiosos e também através de algumas palestras (ministradas por padres e líderes da comunidade).

Seu pai nunca quis que ele continuasse os estudos. Elviro interpreta sobre o assunto: “[...] mais tarde eu compreendi porque ele não queria que nós estudássemos. É simples, ele não queria que nós soubéssemos mais que ele”.

“É preciso estudar”, destaca Elviro, o que marca o “sentimento” da época, pois, “não dá para ficar só trabalhando, é preciso conhecer mais sobre o mundo”. No entanto, não era fácil, as condições oferecidas a jovens filhos de agricultores na época eram muito diferentes das que se tem hoje. O seminário se constitui numa das únicas



alternativas de “escapar” ao destino da roça. Quando perguntado sobre os seus professores, Elviro lembra que: “Os professores eram bem preparados”. Porém, “com o início da Ditadura Militar, extinguíram-se todas as escolas comunitárias, aí sim, vinham professores mal preparados e que não se importavam com a comunidade, com a religiosidade, só davam aula”.

A ligação dos padres com a educação era forte. Elviro cita que: “Tinha um padre Schmidt⁴, ele era coordenador geral da educação, ele visitava todas as escolas do interior, [...] ele observava as aulas e acompanhava o trabalho dos professores”.

Elviro estudava em uma sala na qual eram atendidas quatro turmas (da 1^a até a 4^a série), em torno de 100 alunos. Lembra que: “Tinha um quadro negro para A e B, e um quadro negro para a turma da 2^a série e para 3^a série. O professor sempre explicava para uma turma só, geralmente a outra turma que não era chamada para o quadro negro ficava conversando”.

Quando completa 18 anos, Elviro interrompe os estudos (4^a série) e vai para o Exército no Rio de Janeiro⁵. No quartel era possível continuar os estudos, no entanto, teve dificuldades: “[...] lá tinha aula duas noites por semana, mas não consegui aprender quase nada, pois não conhecíamos muito bem a língua portuguesa”.

Quando lhe é perguntado se algum professor lhe marcou durante esse período, Elviro evoca de modo imediato que: “Primeiro era preciso contratar um professor, [...] nosso professor era de Pelotas/RS”. Ele relata que aprendeu muito com esse professor, “Ele era inteligente e muito rígido”. Portanto, uma educação rígida e comprometida com os valores e condutas do bem, compreendida como um prolongamento familiar.

Elviro era um aluno disciplinado. O mesmo relata que a vigia sobre o aluno não acontecia somente na sala de aula, “[...] era necessário cuidar o que se fazia no final de semana, pois o professor sempre ia saber o que nós tínhamos feito, [...] quando alguém fazia uma coisa errada (fora das normas) era repreendido pelo professor no primeiro contato”. Desse modo, sempre assegurando os princípios transmitidos pelos

⁴ Pe. Ervino Schmidt, além de padre na comunidade de Itapiranga, também exerceu a função de inspetor escolar na região entre os anos de 1953 e 1961.

⁵ Será abordado no próximo tópico.



padres, pela família e por toda comunidade que já estava com essa consciência coletiva.

Elviro aproveitou as oportunidades que teve para aprender, estudar e incorporar normas, valores e condutas para (con)viver na comunidade. Ele gostaria de ter tido as oportunidades que a educação oferece atualmente aos jovens: “[...] hoje os alunos têm praticamente tudo para aprender”. No entanto, manifesta-se decepcionado, pois, “muitos não sabem aproveitar as oportunidades que a educação oferece hoje em dia”.

Também salienta sua decepção com outras dimensões da educação. Entende muitos valores incorporados e transmitidos, hoje parece não ter utilidade alguma,

Hoje os alunos só querem saber de tecnologias e, dificilmente um jovem ainda luta por causas da comunidade em que vive, [...] é justamente esse tipo de gente que o governo quer, [...] acham que sabem de tudo, conhecem todas as respostas, mas se precisam discutir ou defender causas da sociedade nunca sabem nada e acham que isso não é com eles.

Desse modo, na perspectiva de nosso entrevistado, corta-se o fio da tradição, encerra-se a autoridade do professor (responsável pela transmissão da tradição) e, com a perda desse legado, resta apenas a subjugação às necessidades incessantes.

Elviro destaca que: “[...] esse mundo possui uma história mais abrangente, em que encontramos histórias de povos, de pessoas e de lutas para nos oferecer um lugar seguro” e, “não [...] ser apenas uma peça dessa engrenagem de consumo e produção”.

EXÉRCITO: A SUPERAÇÃO DE SI

Quando Elviro completa 18 anos vai servir o Exército no Rio de Janeiro. A experiência militar (que durou somente 11 meses e 22 dias) pode ser interpretada como um prolongamento das disposições incorporadas na sua juventude. Assim, várias disposições que Elviro constituiu na sua infância e na escola puderam ser prolongadas nesse âmbito.

Como já conhecia alguns amigos que já haviam servido o exército, ele e alguns amigos se alistaram. Foram até Palmas/PR, “[...] lá foram escolhidos os melhores, mas os seus amigos não estavam aptos para servir e tiveram que voltar”. Assim, Elviro ficou sozinho e passa a fazer amizades com outros colegas da região.



Quando Elviro e seus amigos chegaram ao local (Rio de Janeiro), recorda que: “Todos tinham que tirar a roupa e entregar tudo que tínhamos, depois recebemos um número, nunca vou esquecer, meu número era 36, escrevi inclusive com uma caneta na barriga pra não esquecer [risos]”. Nesse momento, todos os soldados eram analisados se estavam aptos ou não a continuar no quartel.

Após serem analisados, receberam um calção e tiveram que cortar os cabelos. É o primeiro momento em que Elviro se revolta. Dois soldados mais velhos cortavam os cabelos, “Eles prensavam a máquina dizendo que tinha muita sujeira nos cabelos, tudo isso para judiar dos novos”. O que marca Elviro é que: “[...] vi um amigo meu sofrendo quando cortaram os cabelos dele, aí falei para meu colega, se eles vão fazer isso comigo ou contigo, eu vou puxar a cadeira e bater neles, mas falei em alemão se não eles iam entender”.

Quando chega a vez do amigo de Elviro, o soldado prensou a máquina na sua cabeça e disse: “Nossa quanta sujeira”, logo Elviro levanta, pega a cadeira e diz: “Faz isso de novo pra tu veres o que eu faço com essa cadeira”. Em seguida veio o sargento e Elviro explicou o que estava acontecendo: “[...] assim, o sargento acompanhou como eles cortaram o cabelo dos outros colegas, inclusive o meu”. Percebe-se assim, uma disposição de não se submeter às injustiças ou maus tratos, isto é, Elviro não aceita de forma dócil uma situação de mau trato.

O âmbito social era completamente diferente daquele que estavam acostumados, não tinha cama suficiente para todos, era um espaço para 20 pessoas e tinha 50 pessoas. Elviro recorda que cada pouco ocorria uma briga. Certa noite, Elviro e alguns colegas começaram a discutir no quarto, “Não tinha espaço para todos” ressalta Elviro. Após o ocorrido o sargento veio e mandou todos para o chuveiro, “A água era muito fria [risos], mas era um modo de mostrar a autoridade e a disciplina que deveria ser mantida”.

Elviro se dispõe a enfrentar uma situação em que os “causadores” são iguais (soldados mais velhos), a quem Elviro não reconhece autoridade. Desse modo, se por um lado Elviro não reconhece a autoridade, por outro lado, mesmo sendo maltratado, ele “aceita” a condição, já que o causador é alguém com autoridade.

Depois do ocorrido, Elviro e alguns colegas decidiram dormir fora do quarto, enquanto os outros brigavam por um espaço. Não obstante, na primeira carta que



Elviro escreve para os seus pais, relata: “Somos tratados pior do que cachorros, porque nem cachorro precisa dormir fora”. Os maus tratos também se estendiam à alimentação, “Não recebíamos muito para comer, geralmente a comida era uma sobra, aquilo que os outros não comiam era dado para os novatos”.

Nessa situação, alguns colegas de Elviro tentaram desertar, pois não estavam acostumados com essas condições (maus tratos, autoridade, rigidez...) e, a única saída era se desertar do local. Porém, Elviro cita que: “[...] ninguém teve sucesso na fuga”.

Como as condições não eram boas, Elviro e alguns amigos fizeram uma revolta, como as condições alimentares não eram boas (comiam pouco). Desse modo, Elviro e alguns amigos queriam melhorar as condições.

Assim, em certa noite (Elviro não recorda o dia), pegaram os talheres e batiam nos pratos dizendo que não tinham nada para comer, “[...] é claro que, os soldados mais velhos não gostavam disso, mas, foi uma saída que encontramos”. Logo depois do fato, os soldados mais velhos ligaram para o capitão, “Ele já estava em casa e pediram para vir ver o que estava acontecendo”. Quando o capitão chegou, “[...] ele logo pediu o que estava acontecendo, e fomos penalizados pelo ato que fizemos”.

A manifestação de Elviro e seus amigos, fez com que eles tivessem que “[...] marchar na chuva e o tempo não era dos bons, tinha muitos relâmpagos, marchamos durante 1 hora na chuva”. Posteriormente, “O capitão deu 10 minutos para todos estarem fardados, aí tivemos que marchar mais 1 hora dentro do quartel”. Elviro recorda que: “[...] o bom é que eles [capitão, coronel...] não sabiam quem tinha começado, por causa disso, eles judiavam todos, mas se eles soubessem que eu tinha começado isso tudo, eu ia ter sido expulso”.

Essa manifestação causou várias mudanças no quartel, todos os soldados passaram por um exame, “os praça velha ganharam baixa, nós ganhamos farda e assumimos”. Muitos colegas de Elviro também ganharam baixa (não estavam aptos para continuar) e, novamente Elviro teve que fazer novas amizades. “Depois da revolta, fomos tratados muito bem, todos receberam roupa nova, tínhamos que cuidar da vestimenta e sempre deixar o quarto arrumado, além de a comida ser muito boa”.

Quando Elviro recebe baixa, ganha carta de menção honrosa pelos serviços prestados: “Receber uma menção honrosa pelos serviços prestados, significava que



eu respeitava eles [soldados, capitão, coronel...], além de ter sido um homem disciplinado. [...] o coronel quase chorou, eu era da última turma dos catarinenses”. Elviro ainda recebeu uma carta de apresentação, “Essa carta era utilizada para posteriormente procurar um emprego, pois nela estava escrito que eu era um homem honesto, disciplinado e de confiança”.

O entrevistado ainda lembra que o coronel fazia muita referência aos catarinenses, por serem disciplinados e terem responsabilidade. Em 2012, Elviro e Moci visitaram o quartel onde Elviro prestou serviço, a fim de recordar alguns momentos que atualizaram as disposições.

O que marcou Elviro é o discurso do coronel no dia em que recebeu baixa. Primeiro, “[...] ele agradeceu pela disciplina e confiança, depois disse: agora vocês vão entregar a farda e não vão mais ser policiais, agora vocês irão voltar para a terra de vocês, não podem mais prender ninguém”.

Elviro lembra outra parte do discurso que tentou apresentar em três etapas. O coronel terminou seu discurso assim:

Quando entrarem novamente na vida civil, vão chegar às suas comunidades, local de onde cada um de vocês veio. O que vocês vão fazer? Primeiro lugar, defender a família de vocês acima de tudo. Em segundo lugar, defender a comunidade de cada um de vocês, do mesmo modo que seus pais criaram vocês. Em terceiro lugar, defender a pátria mãe, que deu o chão e o sustento para vocês, são esses os princípios, família, comunidade e chão.

Ao final da entrevista sobre a carreira militar, Elviro recorda que gostou de servir o exército. Nesse sentido, afirma: “se eu tivesse feito segundo grau, seguramente estaria lá ainda hoje”. De alguma forma, a vida militar proporcionou várias experiências sociais. Entre revoltas, sofrimento, disciplina, organização, “[...] não tem algo mais organizado do que o exército militar e a ação dos jesuítas⁶”.

O MAB E A ATUALIZAÇÃO DAS DISPOSIÇÕES

Elviro, agora agricultor, ex-militar, reside com sua esposa em uma comunidade do município de Itapiranga/SC. Desde a sua infância sempre teve contato com padres e bispos da região. Seu pai sempre recebia visitas do Bispo de São Paulo, Dom Cláudio Hummes, que era afilhado de seu pai. Além de se interessar por questões

⁶ A relação com os jesuítas deriva da influência que tiveram na formação de Porto Novo.



políticas (comícios) desde a sua juventude, ser um homem disciplinado, honesto e respeitoso, fez com que Elviro pudesse ter influências mais próximas nas questões sociais.

Elviro recorda que: “Na década de 80 o Bispo Dom José Gomes implantou um sistema que era contrário ao regime militar”. Assim, o ministro (representante da comunidade) e o padre queriam dois jovens preparados para fazer o estudo da Pastoral da Terra, “era um estudo sobre aquilo que estava acontecendo ao redor das nossas comunidades (injustiças, corrupção...)”. Um dos representantes escolhidos é Elviro, pelo fato de ter experiências militares e também políticas. O curso foi realizado em Chapecó/SC teve duração de oito dias, estudavam questões sobre a ditadura, alienação e trabalho, “aí começamos a nos sintonizar sobre as questões sociais e os problemas que estavam ocorrendo [...]”.

Elviro compreende que foi fundamental se reunir e refletir sobre causas comunitárias, principalmente contra as injustiças que aconteciam no regime militar. No momento da entrevista, ele recorda uma frase do Bispo Dom José Gomes: “Povo calado só embaixo da pata do boi”. Nesse sentido, quando você conhece a realidade, “É preciso abrir a boca, é preciso gritar as causas e não se calar”.

Desse modo, no grupo de estudos, Elviro aprende formas de organização e planejamento. A partir das discussões e reflexões, Elviro consegue perceber os problemas que ocorrem na sua comunidade e também na região. Portanto, o curso proporcionou a leitura e a interpretação dos problemas sociais que estavam presentes na comunidade em que residia, além de buscar estar em constante envolvimento com a comunidade, a fim de lutar para o bem comum.

Quando retorna do curso, Elviro passa a lutar por questões comunitárias. Começa sua luta para conseguir luz para a comunidade em que reside. Além disso, se empenha para que os próprios moradores façam a instalação de luz nas residências, para não onerar o serviço, “[...] nós só queríamos que eles puxassem os fios, depois nós faríamos o resto, [...] todos nós trabalhamos de graça pela comunidade em que residíamos”.

Durante o curso, Elviro tinha conhecido o projeto piloto CONESUL – projeto hídrico americano que queria construir 25 grandes hidrelétricas na bacia do Rio



Uruguai. Ele fala de algumas leis que foram aprovadas e que tiveram enormes gastos públicos,

[...] as grandes empresas que estavam por trás desse projeto gastavam muito dinheiro público, era muita roubalheira e corrupção, isso fez com que as comunidades e principalmente o MAB se organizassem e lutassem em favor da comunidade, impedindo que essas injustiças acontecessem.

Reitera ainda que: “O MAB já denunciava a corrupção dessas grandes empresas (OAS, Camargo Correa, Odebrecht...), hoje muitos estão sendo presos, sendo que nós já havíamos denunciado eles há 20 anos”.

As empresas queriam “investir no Brasil”. Desse modo, o MAB começou a se organizar, pois, é fundamental uma organização bem planejada, caso contrário, segundo Elviro: “A participação desorganizada na sociedade geralmente faz com que o povo seja utilizado como engrenagem desse processo e o resultado desta participação geralmente não é boa para o povo”. Do mesmo modo, “[...] todas as famílias do MAB, em cada região, estão organizadas em grupos de base, que é o que dá força e vida ao movimento. Além dos grupos, existem as coordenações a nível local, estadual e nacional”.

Elviro e mais os outros representantes – de cada região - do MAB vão para São Paulo protestar contra uma empresa alemã, “[...] fechamos o trevo, aí chegaram alguns jornais e me entrevistaram: Por que vocês estão protestando se as empresas querem investir no Brasil e progredir?” Elviro responde: “As empresas estão aqui para explorar, que tipo de progresso é esse? Eles não querem saber quem nós somos, estamos contra a corrupção que essas empresas geram, além de só explorarem o povo”. As organizações do MAB e manifestações eram todas planejadas sempre antes de qualquer ato, para que tudo saísse da melhor forma. O planejamento ocorria no grupo de cada região, na região de Elviro, quem “puxava a frente” dos pronunciamentos e das estratégias era Elviro.

As várias participações em grupos de reflexão e grupos de estudo, influenciaram e ajudaram Elviro na compreensão da sociedade, principalmente às questões voltadas a sua comunidade. Nesse período (década de 80), em cada paróquia passou a existir uma comissão, principalmente para a Pastoral da Terra e para o MAB. Algumas paróquias não assumiram as questões de maneira imediata, “[...] [assim] eu me irritei com alguns padres e bispos, [...] quase me expulsaram da



sacristia, aí eu falei: que tipo de cristão vocês querem ensinar? Eu sou um cristão [...] de um Deus só, Deus da verdade e da denúncia, por isso estou lutando, e vocês?”.

Em algumas reuniões, Elviro cita que é preciso lutar pela terra, pela escola, pelas famílias e pela comunidade. As regiões atingidas pelas barragens escolhiam um líder e representantes, “Na nossa região me escolheram como líder”. Assim, Elviro ganha confiança das pessoas e passa inclusive a palestrar em Palmitos/SC e Chapecó/SC. “Sempre fui de graça, nunca ganhava dinheiro, e ainda precisava dizer para a comunidade o que tinha discutido quando voltava das reuniões e palestras”. Algumas vezes, Elviro lembra que fazia uma galinhada ou coleta de dinheiro para poder participar de cursos e palestras.

Assim, em 1984 o MAB conseguiu 150 mil assinaturas contra o projeto CONESUL, e foram para Brasília em 42 pessoas – Elviro representando Itapiranga/SC - para reivindicar na frente do ministério. “Logo os policiais nos receberam, não era mais ditadura, agora era democracia, mas muitos não sabiam certo o que era isso”, conseguiram uma audiência a partir da influência de alguns senadores – Alcides Saldanha e Pedro Simon.

Elviro e os atingidos não reconheceram a vitória que tiveram naquele dia. “O Ministro de Minas e Energia, Aureliano Chaves (1985 – 1988) escutou com toda paciência e depois disse que já perdeu terras por causa de barragens em Minas Gerais, e pelo conhecimento dele, não tinha nenhuma construção em andamento na Bacia do Rio Uruguai”. Nesse momento Elviro se revolta e diz: “Senhor Ministro, você faltou com a verdade, disse que não tem nenhuma obra em construção, [porém] em Itá/SC o projeto já está em construção”.

Assim, “O ministro pediu para que procurassem o projeto e logo trouxeram o projeto para ele ver, [...] ele ficou amarelo e vermelho [risos], ele pegou uma caneta e escreveu que era para parar aquela obra imediatamente”. Não obstante, Elviro afirma que: “Foi uma conquista enorme, mas na hora ninguém se deu conta disso”.

Além do projeto CONESUL, a ELETROSUL também passa a controlar a região da Bacia Uruguai, o fato fez com que Elviro e alguns líderes das regiões atingidas realizassem reuniões e estratégias para uma possível conversa com os membros da ELETROSUL. O primeiro passo da ELETROSUL é de instalar marcos para controlar



a vazão do rio. “Quando ficamos sabendo disse, conversei com alguns colegas do MAB e fomos à busca localizar os marcos que estavam espalhados pela região.

Diante deste fato, acabaram percebendo que muitas pessoas da comunidade, enquanto deveriam estar ajudando a lutar pela sua comunidade e pela sua terra, estavam traindo os princípios da convivência comunitária. Pois, enquanto Elviro e outros membros do MAB estavam lutando pela terra, pela comunidade, pela tradição, muitos estavam ajudando a observar a vazão do rio e repassar as informações para a ELETROSUL. Isso leva Elviro à conclusão que: “O povo é traidor, eles iam junto às reuniões, iam à missa, mas não lutavam pelo seu povo, nem se quer pela sua terra”.

Não obstante, Elviro e demais integrantes do MAB, travaram várias lutas contra as injustiças cometidas ao povo, contra diversos gastos públicos que as grandes empresas causavam e, principalmente contra a corrupção. Para Elviro, “Todas as batalhas que travamos, hoje, dificilmente, alguém iria querer travar”.

O fato de ninguém mais querer se interessar por essas questões sociais, segundo Elviro, esse fato ocorre, pois, “Hoje muitos jovens quando se destacam na escola ou na universidade já tem ‘quase’ um emprego garantido. Quem é o aluno que não gosta disso? Assim não se interessam mais por questões comunitárias e só pensam em ganhar seu dinheiro”.

As disposições (incorporações) de Elviro não se diluíram ou esfacelaram, pelo fato de estarem em constante atualização e prolongamento. É difícil interpretar o que, em cada situação (num contexto específico) vai pesar sobre cada indivíduo e, quais hábitos incorporados pelo indivíduo, vão ser desencadeados em determinado contexto. Isso em função das relações que o indivíduo mantém duradouramente (família) ou temporariamente (amigos), a função que ele ocupa na sociedade (líder, dominante, dominado, participante, responsável), todas as influências, isto é, o seu patrimônio de disposições, é submetido por forças de influência diferentes.

E, a atualização das disposições de Elviro em certo contexto, é concebida como *produto da interação entre as forças internas e externas*, isto é, entre disposições constituídas durante a socialização passada e disposições constituídas em contextos que pesam sobre o ator individual (trabalho, escola, família, amizades... são desigualmente constrangedoras para cada indivíduo) (LAHIRE, 2005). Desse modo, percebe-se que, “O mundo social está tanto dentro de nós como fora de nós” (LAHIRE,



2004, p. 12), a importância de ambientes exigentes, disciplinados e, relações diretas de autoridade, são essenciais para a atualização de disposições fortemente construídas (família, escola, catequese, culto...) e que dificilmente deixam Elviro se influenciar em outros contextos.

SAÚDE E LAZERES: VARIAÇÕES ENTRE DISPOSIÇÕES

Elviro mantém uma alimentação saudável. Essa relação com seu próprio corpo e a preocupação alimentar, são atualizações de experiências passadas. Elviro recorda que: “[...] antigamente não tinha muita coisa para comer, o que era certo ter na mesa era: carne, mandioca, feijão e arroz”. No decorrer das entrevistas, observa-se uma mesa farta de legumes e frutas, além de uma horta com muitas variedades de verduras. Durante as entrevistas, Moci oferece suco de acerola, mostra algumas árvores frutíferas e fala sobre algumas práticas saudáveis.

Enquanto a entrevista ocorre, a filha que reside com Elviro e Moci está cuidando da horta, mostrando o interesse por práticas saudáveis. Elviro comenta que, o fato de residir na zona rural proporciona “[...] espaço para plantar o que quiser, [além de saber], [...] que não vai ter veneno”. A preocupação de Elviro com a utilização de agrotóxicos é grande, conta que “[...] é difícil comprar uma fruta na cidade que não tenha veneno”, por isso, “[...] prefiro morar no interior e plantar o que quero, e, sem veneno, [...] pelo menos sei de onde é o alimento que estou comendo”.

Assim, Elviro mantém uma alimentação equilibrada, as práticas alimentares de Elviro são resultado, ou atualizações, das quais vivenciou na casa de seus pais. Ele sabe que seu desenvolvimento saudável decorreu da alimentação que teve na infância.

Enquanto adolescente Elviro tinha práticas esportivas hedonistas, jogava futebol com os seus amigos nos finais de semana. A necessidade de ganhar os jogos resultava em algumas discussões e, “[...] nós jogava futebol para passar o tempo, [...] mas de vez em quando aconteciam algumas peleias [...], porque ninguém queria perder [risos]”. De maneira geral, Elviro aprecia a convivência informal com seus amigos, “devem se comportar como se estivessem em casa”. As conversas “[...] precisam ter risadas”, mas de vez em quando o assunto “[...] pode ser sério [risos]”.



Desde sua juventude, participa de bailes que acontecem na comunidade e em localidades próximas, “era o que tinha nos finais de semana, [...] jogar bola e ir aos bailes”.

A relação com a agricultura influencia na diminuição dos lazeres. Hoje, a propriedade é administrada também pelo seu filho, assim, Elviro tem um pouco mais de tempo para o lazer. Participa de encontros com o grupo de idosos, gosta de ir ao salão da comunidade para jogar carta e conversar com os amigos. Muitas vezes, a partir de alguma questão problemática que aparece nas mídias, Elviro liga para seus amigos para interpretar e discutir a questão. Segundo Elviro, “[...] não dá para conversar com qualquer um, tem gente que não dá pra confiar, por isso eu tenho meus amigos, que considero muito e, quando tenho alguma dúvida ou preciso desabafar, ligo para eles e conversamos longamente”.

O encontro com os amigos, tanto no salão da comunidade, como no grupo de idosos, proporciona à Elviro momentos de reflexão e diálogo (atualização de incorporações do MAB). “Conversamos sobre diversos assuntos, gosto de ouvir a opinião dos meus amigos, principalmente sobre política e questões que estão acontecendo na comunidade, mas, com muitos não dá pra discutir, só ouvir mesmo”. Não obstante, Elviro não gosta de discutir com qualquer um sobre questões sociais e políticas, pois “[...] muitos são influenciados demais pelas mídias, eles têm uma opinião fechada, não possuem argumentos para discutir, nunca sabem analisar e interpretar os fatos sociais”.

Como se pôde constatar já a respeito das esferas familiar, escolar e social, quando os contextos coercitivos vêm fortemente presentes, o hedonismo dificilmente toma conta do resto, exceto nas práticas esportivas. Percebe-se ainda a influência do MAB, principalmente dos encontros de reflexão e diálogo. Elviro busca sempre estar atento aos problemas da sociedade, buscando interpretar e compreender os fatos que ocorrem na comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de Elviro permitiu salientar vários pontos. Entre eles, a importância dos âmbitos socializadores tanto familiar como extrafamiliar (escola, amigos, política,



MAB...) durante a adolescência e na juventude, que permitem a aplicação e a atualização de disposições em diferentes contextos (experiência militar, MAB, lazer, saúde...).

Do mesmo modo, a importância da escola para aplicação de disposições fortemente construídas (disciplina, rigidez, valores, condutas...) interiorizadas e que, se atualizam em outras experiências sociais. As práticas esportivas hedonistas enquanto jovem, posteriormente em sua experiência militar, passaram por alterações, sendo alteradas, tornando-se práticas de engajamento físico, (uma superação de si). Portanto, trata-se de uma disposição sincrônica (ativada em função do contexto social). Algumas disposições têm prolongamento na experiência militar, principalmente as disposições fortemente constituídas durante a educação, catequese, cultos e família. Essas disposições, praticamente não desaparecem nas experiências sociais e, constantemente estão se atualizando.

O adentrar no âmbito político, dá-se de forma precoce, tendo seus efeitos sobre a constituição dos patrimônios de disposições individuais, sendo atualizados de forma ativa no MAB e em encontros com os amigos. Nesse sentido, o constante envolvimento com contextos sociais (amigos, manifestações, políticos, MAB, grupos de reflexão...) passa a dar sentido à combinação da pluralidade das disposições incorporadas.

A combinação da pluralidade das disposições incorporadas, além de determinadas disposições num certo contexto podem ser concebidas como o produto da interação entre relações de forças internas e externas, e, no caso de Elviro fortemente constituídas, o que inibe a incorporação de disposições sob influências de outros contextos sociais. Desse modo, o adentrar ao MAB permitiu e permite Elviro, interpretar e compreender fatos sociais que ocorrem na sua comunidade e região, não deixando se influenciar por qualquer ideia (senso comum) ou notícia da mídia, sem antes, interpretar e analisar a informação.

O diálogo e a constante reflexão dos fatos com os seus colegas do MAB, mostra a influência e a importância que o movimento tem para Elviro. As lutas por uma sociedade justa e honesta, contra as injustiças e corrupção, a ampla leitura e visão social, além da valorização das tradições, são disposições que Elviro constrói e atualiza no MAB.



Portanto, quanto mais variáveis forem as trajetórias sociais, quanto maior for o acesso às experiências sociais distintas, maior serão essas individualidades e tanto mais notáveis serão as variações individuais dos patrimônios de disposições. Com efeito, mais que sociologicamente compreensível, a individualidade (constituída das variações individuais dos patrimônios de disposições e competências) é neste caso necessária em formações sociais diferenciadas por resultar da variedade e heterogeneidade da experiência social incorporada.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. In: *Émile Durkheim*. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard; Didier Martin. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 49, p.11-42, 2005.

Recebido em: 10 de julho de 2018.
Aceito em: 9 de setembro de 2018.